

André Oliveira Costa

# Lógica da Alteridade

Uma leitura da figura do  
Senhor e do Servo de Hegel





Poderíamos afirmar que a Filosofia de Hegel depende da alteridade para o seu desenvolvimento? É possível compreendermos a alteridade como um estatuto fundamental para o pensamento hegeliano? Trata-se de perguntas que ingressam em grandes discussões a respeito do pensamento de Hegel, assim como nas críticas que este sofre por diferentes intérpretes. Se por um lado encontramos filósofos que compreendem este conceito como um elemento suprimido da doutrina hegeliana, por outro lado, verificamos leituras mais próximas que o consideram um elemento necessário para o desenvolvimento de sua estrutura sistemática como um todo. Nesse livro pretendemos investigar o estatuto da alteridade na Filosofia de Hegel.



editora  *phi*.org



# Lógica da Alteridade

Uma leitura da figura do  
Senhor e do Servo de Hegel

André Oliveira Costa



## **Apresentação**

### **Dialética de algo e outro na lógica hegeliana**

*Agemir Bavaresco*

O livro *Lógica da Alteridade* de André Oliveira Costa é uma leitura lógico-fenomenológica da figura do Senhor e do Servo de Hegel. O autor explicita a rede conceitual da alteridade na *Ciência da Lógica*, entendendo que aqui se encontra a base para legitimar o estatuto da alteridade hegeliana. Ele faz uma reconstrução dos três momentos lógicos da alteridade na esfera do Ser, da Essência e do Conceito, para deter-se com mais precisão na lógica da reflexão como momento por excelência que constitui o movimento da relação que se interioriza e exterioriza na alteridade essencial. De posse desta base lógica, André examina a alteridade fenomenológica, adotando como pressuposição de que há uma lógica operando por trás da consciência. Então, ele examina a alteridade tanto na consciência como na autoconsciência, para deter-se, especialmente, na clássica figura do Senhor e do Servo, em que ocorre a luta por reconhecimento, como experiência de alteridade, espalhando-se como modelo lógico-fenomenológica da filosofia hegeliana.

Nós apresentamos, abaixo um breve estudo da alteridade na dialética entre o algo e o outro, ratificando a

tese do livro de André, isto é, o pensamento hegeliano é uma rede conceitual lógico-ontológica que se estrutura na dinâmica da alteridade.

### 1. Estrutura processual de algo que se torna outro

Na *Ciência da Lógica*, no capítulo 2, Lógica do ser-aí, Hegel trata da Finitude, começando com uma introdução em que ele expõe os momentos de todo o percurso lógico. Ele faz uma breve recapitulação metodológica, lembrando que a primeira parte do ser-aí (ser-aí em geral, qualidade e algo) tem uma estrutura em que predomina a determinação afirmativa. Enquanto que, a segunda parte da finitude (algo e outro, ser-em-si e ser-para-outro, determinação, constituição e limite e algo como finito) tem uma estrutura negativa, isto é, a negação do algo está dentro de si, introduzindo o tema da alteridade, a partir da categoria do outro.

Aqui, novas categorias são introduzidas, tais como *algo*, *outro*, *ser-em-si*, *ser-para-outro*, *determinação*, *constituição*, *limite e finito*. A categoria *algo* oscila em ser *outro*, por isso, inicialmente, está numa posição de indiferença e imediação. A negação é algo que está fora dela, sendo o ser-em-si contra o ser-para-outro. Depois, há um desdobramento da categoria *algo* em dois momentos que passam um no outro, tendo uma *constituição* imanente em que o algo tem um *limite* e por isso torna-se *finito* (cf. LS, 2003, § 1-4)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Texto usado da versão alemã para tradução: G.W.F. Hegel. *Wissenschaft der Logik I*. Theorie Werkausgabe in 20 Bänden. Eva Moldenhauer, Karl Markus Michel, Vol. 5, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1969. Doravante usaremos a abreviação LS (= Lógica do Ser), conforme Tradução: Christian Iber. Revisão: Karl Heinz Efkens, Agemir BavareSCO e Tomás Farcic Menk. Porto Alegre, 2013 (texto usado em Seminário).

Constata-se o movimento que avança progressivamente da indiferença do algo para outro, subsistindo um ao lado do outro, ainda de forma exterior para um face a face em que um acolhe o outro. Então, temos a determinação do algo que se constitui de forma imanente dando-se um limite. Há um movimento de interação em que o algo se automanifesta, duplicando-se como ser-em-si e ser-para-outro, ou seja, movimento de negação interna e externa no próprio algo limitado. Assim, o algo limitado torna-se um finito através de sua negação imanente, ou seja, passou-se do algo afirmativo do ser-aí em geral para o algo negativo da finitude. O *algo* se tornou *outro* pelo movimento da negação, isto é, o algo introduziu nele próprio a alteridade. Por isso, a alteridade é constitutiva do próprio ser-aí como algo limitado e finito.

Recapitulando a introdução da finitude: Apenas no início, em que algo e outro estão face a face de modo indiferente, a negação cai fora de ambos. No desenvolvimento das categorias ser-em-si e ser-para-outro, determinação, constituição e limite, o algo sempre está relacionado a outro. O desenvolvimento do algo e outro ocorre na direção da negatividade exterior para a negatividade interior. Dito de outra forma, o desenvolvimento da negatividade interior do algo se dá através do outro, pois a negatividade e a alteridade se pressupõem mutuamente.

Qual é a estrutura lógica do algo como finito? Algo e outro no momento do *limite* se mostram como finitos, pois, eles negam a si mesmos como a negação da negação. Então, o limite de algo e outro se automanifesta como negação da negação tornando-se contraditório.

## 2. Dialética de algo: Mesmidade ou Alteridade?

Hegel apresenta a dialética do algo e outro em três momentos: 1º) Algo e outro são, apenas, sendo-aí, enquanto os dois são algo. 2º) Algo e outro tornam-se dois polos: A e B. Ou seja, cada um é o outro do outro, isto é, ambos são outros. Como estabelecer a diferença entre os dois? Hegel afirma que isto pode ser feito com o pronome demonstrativo *este*, ou seja, *este A*, *este B*. Porém, este demonstrar é um ato exterior ao próprio algo. O demonstrar não apresenta nenhuma diferença entre este A, ou este B, porque o este apenas afirma o universal. Hegel retoma o tema clássico da linguagem, de que ao falar sobre o mundo o fazemos a partir do universal. Não somos capazes de captar o objeto singular, não damos um nome a um singular, mas ao demonstra-lo o inserimos dentro de um conceito universal. “Opina-se expressar algo perfeitamente determinado por ‘esté’; não se vê que a linguagem, como obra do entendimento, pronuncia apenas o universal, exceto no nome de um objeto singular” (LS, 2013, §2).

Assim, a dialética de algo e outro confirma a tese de que ambos são outros, pois o algo não pode ser assegurado como afirmativo frente a seu ser-outro. A dialética do *este* mostra que ao indicar *este* não fazemos referência a um algo, especificamente, determinado ou individual, mas expressamos apenas um universal. Portanto, *este* é aplicável a todos os objetos: “Todos e cada algo são assim mesmo bem estes, como eles são também outros” (LS, 2013, § 2, Ba). Ao opinar *este* ou *aquela* não estamos expressando algo especificamente individualizado, pois apenas nomes designam algo individual. Portanto, ao indicar o algo

indeterminado, sob o ponto de vista do conteúdo categorial, apenas dizemos o universal.

O ato de representar é incapaz de captar a alteridade, isto é, o outro no ser-aí. Então, a representação faz comparações entre os vários *estes*, de modo externo ao objeto. Ela não é capaz de penetrar no interior do algo e outro, captando o seu movimento interno de negação e reflexão. Por isso, a representação fixa-se na *mesmidade*, ou seja, ela apenas vê o mesmo e não percebe a diferença entre algo e outro. “Essa *mesmidade* das determinações cai, porém, igualmente apenas na reflexão exterior, na comparação de ambos” (LS, 2013, § 4).

Algo e outro são tanto algo como outro, portanto, o mesmo. Porém, o pensar da representação, próprio da lógica do entendimento, não apreende o segundo momento como sendo mais pleno do que o primeiro, isto é, que ambos são outros. A verdade está em se tornar outro. Por isso, o pensar da representação não pode fazer o passo para o terceiro momento. Hegel afirma que o outro é o mesmo que o algo (posição do pensar da representação), no entanto, também é diverso do algo (posição do pensar dialético). Ou seja, o outro está em relação ao algo e é o mesmo algo (pensar da representação), porém, o outro tem um *status* autônomo: Ele é também “para si fora” do algo (pensar dialético). Esse será o terceiro momento em que surgirá o segundo significado do outro.

O 3º momento descreve a dialética do *outro* nesses desdobramentos: uno X dual, igual X desigual, idêntico X diferente. (a) O outro que surge do algo é diferente, isto é, ocorre a oposição entre o uno e o dois, pois o outro como *uno* se torna *dual*, não dualista, mas dual no sentido de que se vincula a outro momento diferente de seu desdobramento

interno, permanecendo em relação de coerência e reciprocidade. Hegel menciona a relação do espírito e a natureza física enquanto um exemplo para os dois significados do conceito de outro. A natureza é o outro do espírito, porém, como algo exterior, sendo fora de si. Por isso, a natureza nesse caso não expressa uma qualidade de ser outro nela mesma. Ou seja, falta a natureza física a dialética do outro. (b) Depois, o outro como *igual* se torna o *desigual*, pois ele se transformou em outro nele mesmo. (c) Enfim, o outro como *idêntico* a si, completou a sua reflexão de ser-outro, portanto, torna-se *diferente*. O outro “está posto como refletido em si com o suprassumir do ser outro, algo *idêntico* a si, do qual, com isso, ao mesmo tempo, o ser-outro que é momento do mesmo é um diferenciado” (LS, 2013, § 6).

### 3. Rememorando a alteridade lógica de algo e outro

Algo e outro expressam o sujeito, na medida em que são pronomes indefinidos, com os quais nos referimos aos objetos. O conteúdo de algo e outro são determinados, posteriormente, pois eles expressam qualquer objeto, isto é, qualquer algo ou qualquer outro.

Quais são os argumentos usados por Hegel para passar da primeira afirmação (“Algo e outro são ambos sendo-aí ou algo”) para a segunda afirmação (“Cada um é igualmente o outro”)? De fato, o algo é uma única categoria que se desdobra e se diferencia, adquirindo novos conteúdos à medida que a Lógica é apresentada em seus capítulos e partes internas formando uma rede categorial mais complexa. Trata-se de um monismo que vai se diferenciando de forma dual, isto é, constituindo-se como alteridade. A

primeira afirmação descreve a categoria algo e outro na sua indiferença sem conteúdo. A segunda afirmação apresenta uma passagem entre algo e outro, isto é, temos uma relação que passa do imediato vazio para uma mediação dual, apontando para a alteridade do algo se tornando outro.

Qual argumento sustenta a terceira afirmação da dialética do outro: “O outro deve ser tomado como isolado em relação a si mesmo”. A posição do pensar da representação compara o algo e o outro de modo externo como se fossem os mesmos, enquanto a posição do pensar dialético toma o outro como outro, isto é, diferente.

Como interpretar o conceito de “outro de si mesmo”? O outro se torna outro nele mesmo, ou seja, o negar-se do próprio outro. Trata-se de uma autorrelação do outro consigo mesmo, voltando-se a partir de si mesmo contra si. O conceito “outro de si mesmo”, não é pensado por Hegel como variação de qualidade de um substrato idêntico (como em Aristóteles), mas sim como automudança pura do outro em outro que não resguarda nenhum substrato. Em Aristóteles o substrato permanece fixo e apenas muda a qualidade, enquanto em Hegel temos movimento no próprio substrato, pois ele se torna sujeito. Porém, essa automudança pura do outro é uma relação positiva em que se constitui uma nova identidade do algo idêntico a si como resultado desse processo imanente da dialética do outro de si mesmo.

A dialética do “outro de si mesmo” retorna ao “algo idêntico a si”, porém, como resultado da mediação da dialética do algo e outro. O algo idêntico a si não é o mesmo do começo, mas aquele que passou pelo processo de diferenciação tornando-se outro pela reflexão. Caso o contrário, permaneceríamos na lógica da mesmidade, em

que a identidade permanece estática ou autorreferencial. Esta é a novidade hegeliana: A lógica da alteridade que torna o substrato do algo em um novo outro, pleno de um conteúdo categorial do “algo idêntico a si” como imediatidade, ao “algo idêntico a si” como resultado da mediação.

As três proposições descrevem os passos desse processo do algo ao outro: 1<sup>a</sup> Afirmação: algo – outro= algo. A dialética é de indiferença imediata em que algo e outro passam um no outro. 2<sup>a</sup> Afirmação: algo – outro= outro. A dialética introduz a diferença entre algo e outro, resultando no outro. 3<sup>a</sup> Afirmação: outro – outro nele mesmo= diferente/nova identidade do outro. A dialética do outro é o movimento de mudança no próprio outro criando uma nova alteridade como identidade do outro.